

MARÉ

DE NOTÍCIAS

80



Diversão e Arte por toda parte

Diversas produções artísticas movimentam as ruas da Maré e reúnem pessoas de todas as idades.

PÁGINAS 11, 12 E 13

A união dos moradores salva CIEP do fogo

PÁGINAS 6 E 7

A luta pelo direito de amar a pessoa do mesmo sexo

PÁGINA 10

Kit da TV Digital pode sair de graça

PÁGINA 14

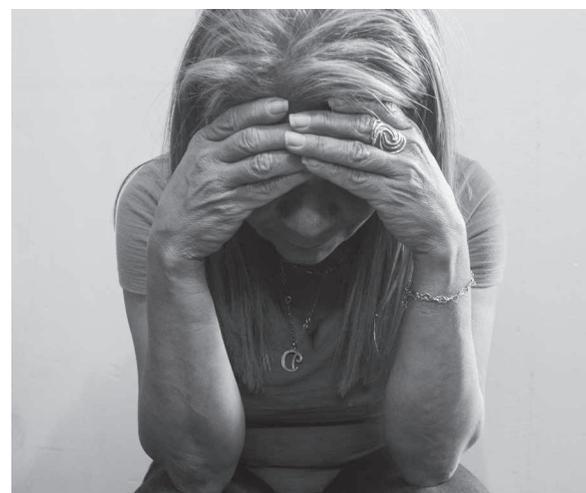
11 anos da Lei Maria da Penha

As conquistas depois da implantação da Lei que mudou o rumo da violência doméstica no Brasil. Ainda assim, em 2016, mais de 132 mil mulheres sofreram algum tipo de violência.

PÁGINAS 4 E 5



ELISÂNGELA LEITE



ELISÂNGELA LEITE

Depressão não é frescura, é doença.

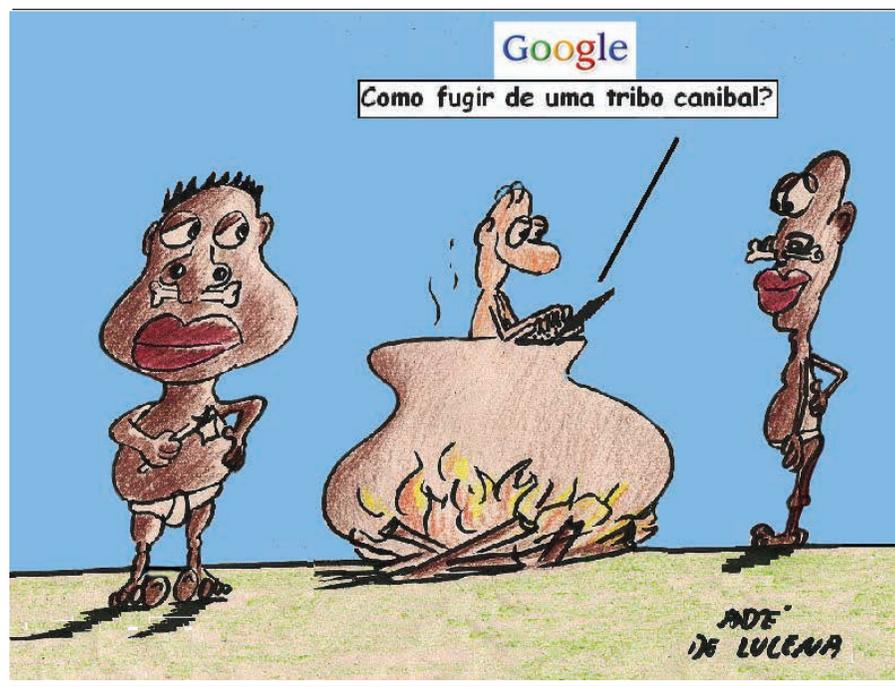
Mais de 11 milhões de brasileiros sofrem do mal, quase o dobro da população do Rio de Janeiro e, no mundo, 800 mil pessoas morrem por ano. **PÁGINAS 8 E 9**

EDITORIAL

Olá, leitores! O mês de setembro marca a chegada da primavera, mas também de conscientização sobre um tema que todos tememos abordar: o suicídio. O problema, em geral, começa com uma doença cada vez mais comum: a depressão. Hoje é a maior causa de afastamento do trabalho no Brasil e já foi chamada de Mal do Século, mas tem tratamento e, no SUS, gratuitamente. Essa Edição de setembro do Maré de Notícias traz todas as informações necessárias para procurar atendimento médico, e é sempre bom lembrar: depressão não é frescura! Tem de se cuidar e os familiares têm papel fundamental nesse processo. O “Setembro Amarelo” foi feito para se refletir sobre o assunto. Este também foi o mês que escolhemos para ampliar nossas dicas de opções de atividades artísticas e culturais. Tivemos a honra de contar com a colaboração de Ana Paula Lisboa, que fez o mapeamento dos locais onde podemos encontrar diversão e arte na Maré. Não dá para ficar parado, tem opção para todas as idades e gostos.

O Maré de Notícias traz ainda nessa Edição uma matéria especial sobre os 11 anos da Lei Maria da Penha. A legislação mudou o rumo de quem sofre violência doméstica e revela as formas de punição aos agressores. Nas páginas 4 e 5 há uma análise sobre os avanços a partir da legislação e um guia com as formas de violência a que as mulheres estão submetidas. Mais de 132 mil mulheres sofreram algum tipo de violência entre janeiro e dezembro de 2016. As taxas de homicídio doloso, quando há a intenção do crime, subiram pela primeira vez nos últimos 10 anos. Isso mostra que apesar da Lei, temos muito a avançar, já que nem toda mulher vítima de violência passa pelas delegacias e, portanto, a realidade conta com números muito maiores que os oficiais, no Brasil e fora dele. Outra luta presente neste Maré de Notícias é a do direito de amar quem se ama, independentemente do sexo. No caso de mulheres lésbicas e de periferia a situação requer muito respeito. Na luta cotidiana, elas querem mais espaços e visibilidade. A união da comunidade para salvar um CIEP do fogo é outro destaque desta Edição. A escola está salva, mas o bombeiro que ajudou a apagar o incêndio está preso. Veja o porquê no relato do repórter Hélio Euclides nas páginas 6 e 7. Ele estava lá, na hora do fogo, junto com a fotógrafa Elisângela Leite e conta todos os detalhes. Boa leitura e até outubro!

HUMOR | André Lucena



EU, LEITOR

“Por causa da reportagem que foi feita com o Doutor Breno (sobre Tuberculose Edição 79 - agosto), uma mãe foi procurar a UPA para o primeiro atendimento do filho. Lá, fizeram o raio X, pediram pra ele procurar a Clínica da Família (Dr. Adib Jatene) para começar o tratamento. Agora eu estou levando as medicações no lar”.

Alice Rosário, Agente de Saúde

**ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESSE
ESPAÇO É SEU!**

comunicacao@redesdamare.org

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redesdamaré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

act:ona id

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb - 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO:

João Ker
(Mtb 0987/RJ)
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

FOTÓGRAFA

Elisângela Leite

REVISORA:

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórla_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Folha Dirigida

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

[f/redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare)

[i/redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare)

[@redesdamare](https://www.twitter.com/redesdamare)

Visibilidade Lésbica

29 de agosto é dia de reflexão sobre o tema

HÉLIO EUCLIDES

“**O** armário é o mais seguro, mas é sofrido, pois rouba sua dignidade, alegria de viver e saúde mental”, expressa **Dayana Gusmão**, assistente social e membro do Coletivo Resistência Lesbi de Favelas. Um sentimento de que assumir a sexualidade é difícil numa sociedade preconceituosa. Para melhorar essa situação de medo, era necessário lutar. Com o desejo de organização e união, o movimento de lésbicas começa a caminhar no Brasil nos anos 1980, com grupos e coletivos independentes, tendo participação em fóruns, articulações e partidos políticos. O ano de 1996 tem importância histórica, pois foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), momento significativo para a visibilidade e aprofundamento de demandas da categoria no cenário político. A partir do encontro, foi escolhido o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica em 29 de agosto. Já o Dia da Visibilidade de Bissexuais em 23 de setembro.

Dayana entende que o momento é de conquistar espaços. “O movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) é bem divulgado, e o 8 de março (Dia Internacional da Mulher) também. Ao contrário do 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, e o 29 de agosto, o do

Orgulho Lésbica, essas duas últimas ainda pouco lembradas. Sabemos que não há divulgação, pois incomodamos, e queremos direitos. As datas representam um dia de reflexão e de luta. Hoje estamos mais fortes, pois há um trabalho de base, mas temos muito a alcançar. Para superar as retiradas de direitos, temos de estar mais organizadas ainda”, afirma.

Ela acredita que a vida na favela é diferente. “Aqui há um nível de pouca informação, que reproduz violência e preconceito. Não temos coragem de expressar na rua a nossa afetividade, nem andar de mãos dadas. Para gente é tenso esses simples gestos, tudo mais difícil. Por outro lado, não vou sair da favela, aqui está a minha história. A Maré é resistência, acabamos de realizar uma marcha contra a violência, um ato simbólico e marcante”, comenta.

“Avançamos na discussão, mas não na implementação. No mercado de trabalho sempre esbarramos em obstáculos. Um exemplo são as dificuldades das lésbicas masculinizadas, e se ela for negra, ainda terá obstáculo a superar em dobro. O preconceito não diminuiu, ainda há opressão. O Brasil é o País que mais mata LGBT. Contra isso, precisamos lutar com força, sendo incisivas contra o pensamento conservador. Temos de ocupar os espaços de movimentos de mulheres em geral”, conclui



Representantes da Frente Lésbica do Rio de Janeiro na Feira de Visibilidade Lésbica na Zona Norte da cidade

Dayana.

Estando desde o início no movimento, **Virginia Figueiredo** é fundadora da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e, em 1996, foi a 1ª lésbica no Brasil a ser candidata a vereadora. “O Brasil precisa ser, de fato, um País laico, e termos mais representantes feministas, negras e LBT (Lésbicas, Bissexuais e Transexuais) nas esferas de políticas públicas. Sempre é importante ocupar as ruas pela luta de direitos e pela falta deles, principalmente na atual conjuntura nacional e internacional, em que o racismo, machismo, capitalismo e a cultura de ódio avançam. Ser sapatão num mundo tão machista é a própria revolução”, afirma Virginia.

Thamiris de Oliveira é participante de movimentos sociais e de atividades coletivas lésbicas e feministas. Uma de suas preocupações é com a saúde pública, um mecanismo de tratamento que não contempla as lésbicas. “Pensando no atendimento ginecológico, que por vezes não é capacitado às nossas especificidades, pode repercutir no preconceito, recusa de procedimentos médicos e num desconforto no trato da nossa saúde”, lembra. “Ainda temos medo de

andar na rua, de demonstrar nossos afetos, de não sermos aceitas na família e por ‘amigos’, de termos de responder às expectativas de feminilidade nos postos de trabalho, de sofrer violência psicológica, física, verbal, de não ter forças de continuar os estudos; enfim, uma série de violações que diariamente respondemos com nossa resistência”, informa.

Para Thamiris, a igualdade de gênero e o respeito às sexualidades devem estar coladas: “Nosso amor é revolucionário. Uma frase de Nina Simone, mulher negra norte-americana, resume a nossa luta: Liberdade para mim é isto: não ter medo”.

“

O preconceito não diminuiu. O Brasil é o País que mais mata LGBT no mundo. Contra isso, precisamos lutar.”

DAYANA GUSMÃO,
ASSISTENTE SOCIAL

Lei Maria da Penha

11 anos depois, as mulheres ainda lutam pelo direito à vida

Considerada um marco na defesa dos direitos humanos no Brasil, a Lei nº 11.340 melhorou o cenário da agressão à mulher, mas ainda há muito o que mudar

JOÃO KER

A cada 2 segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal. Quando você terminar de ler esse texto, o número de mulheres que foram espancadas, xingadas, estupradas ou coagidas já vai ter ultrapassado a casa dos milhares. É difícil imaginar que esses números já foram ainda maiores no Brasil, mas essa realidade só começou a ser transformada em 2006, quando a **Lei Maria da Penha** (nº 11.340) foi aprovada no País, criando um marco nos direitos humanos de toda a América Latina. Mas acreditar que essas agressões foram completamente extintas é impossível e, agora, no aniversário de 11 anos da Lei, a luta pela existência digna das mulheres em um País que insiste em enxergá-las como “especialistas dos preços de supermercado” continua forte e necessária como sempre.

“A Lei 11.340 é diferente, porque prevê vários tipos de violência. Colocar essas formas de violência no papel – como a violência psicológica, por exemplo – obriga a polícia e o judiciário a investigarem e punirem, respectivamente”, explica a advogada **Nayra Gomes Mendes**, 28 anos, pós-graduada em Gênero e Direito pela Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. “O

ELISÂNGELA LEITE



A Casa das Mulheres fica na rua da Paz 42, no Parque União e oferece rodas de conversa e atendimento sócio-jurídico gratuito às mulheres vítimas de violência

que mais mudou foi o enfrentamento das mulheres sobre a violência que sofriam. Esse é o perfeito exemplo para a definição da palavra ‘empoderamento’. A Lei é séria e tende a ser cumprida, por isso vale a pena denunciar e não mais sofrer calada”, complementa.

Ainda assim, os números recentes da violência contra a mulher assustam. De acordo com o último **Dossiê da Mulher**, divulgado neste ano pelo **Instituto de Segurança**

Pública do Rio de Janeiro, 132.665 mulheres sofreram algum tipo de violência entre janeiro e dezembro de 2016. As taxas de homicídio doloso, onde há a intenção do crime, subiram pela primeira vez nos últimos 10 anos. E os registros oficiais do Estado ainda apontam que 16 desses casos configuraram *feminicídio*, ou seja, quando o crime ocorre unicamente motivado pelo ódio contra o gênero. Em outras palavras: a mulher morre

pelo simples fato de ser uma mulher. Mais necessário ainda é destacar que nem todos esses assassinatos passam pelas delegacias, e a realidade conta com números muito maiores que os oficiais.

Os locais de ocorrência desses crimes também têm muito a dizer sobre o Brasil atual e o quanto pouco ele mudou nos últimos anos. Nos quadros divulgados pelo Dossiê, o lar aparece em segundo lugar como local de maior

incidência dos casos, totalizando 40,7% das tentativas de homicídio, 34,6% dos homicídios “bem-sucedidos”, 70% das lesões corporais e 66% dos estupros. “Antes, a frase ‘em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’ era uma realidade nossa, e as próprias autoridades policiais diziam isso às vítimas de violência. A violência doméstica é muito perigosa, principalmente porque ocorre no mundo privado, dentro dos lares, na intimidade. Por isso, as medidas protetivas para afastar um agressor do lar são tão importantes, mas insuficientes. Impossibilitar essa aproximação da vítima e de seus familiares muitas vezes recupera a dignidade de uma mulher e contribui para que ela sobreviva àquela situação, evitando até um crime de feminicídio”, defende Nayra, que pesquisa o tema desde que entrou na Graduação em Direito.

Hoje, o Estado do Rio de Janeiro conta com 14 **Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAMs)** espalhadas por seus municípios. “Lá, o atendimento é especializado, com profissionais focados em perceber até a mais sutil das violências e dar o encaminhamento apropriado para esses casos”, afirma Nayra. Ainda assim, apenas no primeiro semestre de 2017 já foram registrados 37 assassinatos e 119 tentativas de homicídio doloso. Daí a importância de conhecer seus direitos, a

melhor forma de acessá-los e como fazer com que eles sejam levados a sério.

Maria da Penha: brasileira, mulher e vítima de violência

A cearense Maria da Penha é uma mulher real como tantas outras brasileiras que, em 1983, se viu vítima de agressão doméstica. Seu marido, o professor universitário Marco Antônio Heredia Viveiros atirou nas suas costas enquanto ela dormia. Ela sobreviveu, voltou para casa paraplégica e foi mantida em cárcere privado, enquanto a história contada para os vizinhos e familiares foi a de que um assaltante tentou invadir seu lar. Apenas 15 dias depois, veio a segunda tentativa de homicídio, por meio de um chuveiro propositalmente danificado para que ela morresse eletrocutada durante o banho. Foi então que Maria da Penha teve a coragem de denunciar seu agressor e começar uma das mais longas e históricas batalhas jurídicas do País.

Hoje, exatos 11 anos depois de Maria ter conquistado um fato sem precedentes na nossa legislação, a rede de proteção às mulheres brasileiras é mais sólida e abrangente. A Lei que leva seu nome prevê cinco tipos de violência contra a mulher e cobre grande parte de seus desdobramentos. Além das DEAMs, a denúncia também pode ser feita pelo **Disque**

180, uma linha criada pela **Secretaria de Apoio às Mulheres**, em 2005, especialmente para esse tipo de caso. Mas, apesar de 98% dos brasileiros conhecerem a Lei Maria da Penha, de acordo com um estudo levantado pelo **Instituto Patrícia Galvão**, ainda há um trabalho de disseminação da informação muito forte a ser feito.

Na Maré, um primeiro passo rumo à conscientização e ao auxílio das vítimas de violência doméstica será dado no dia 2 de setembro. A data irá marcar a inauguração de um novo serviço oferecido pela **Casa das Mulheres**: a assistência social voltada especificamente para esses casos, com foco especial no aconselhamento jurídico. “Por meio de uma parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e seus estudantes de Serviço Social, nós iremos mostrar para as moradoras todas as ferramentas legais que elas têm à disposição para enfrentarem esse tipo de abuso”, comenta **Shirlei Villela**, coordenadora do espaço da Redes da Maré que, desde a sua inauguração, em outubro, já oferece cursos profissionalizantes de alta gastronomia e rodas de conversa com as moradoras do local. De acordo com ela, o projeto irá possibilitar o acesso à informação de forma mais inclusiva: “Não teremos nenhuma burocracia! É só chegar, que nós atenderemos”, assegura.

FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



VIOLÊNCIA FÍSICA:

Qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.
 • Espancamento; atirar objetos, sacudir e apertar os braços; estrangulamento; ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo; tortura.



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA:

Qualquer conduta que cause dano emocional, ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.
 • Ameaças; constrangimento; humilhação; manipulação; isolamento (proibir de sair de casa, estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes); vigilância; perseguição; insultos; chantagem; exploração;



VIOLÊNCIA SEXUAL:

Qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada.
 • Estupro; obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa (fetiches); impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar; forçar matrimônio; gravidez ou prostituição por meio de coação.



VIOLÊNCIA PATRIMONIAL:

Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos
 • Controlar o dinheiro; deixar de pagar pensão alimentícia; destruir documentos pessoais; furto, estelionato; privar de bens, causar danos de propósito a objetos da mulher ou dos quais ela goste.



VIOLÊNCIA MORAL:

Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.
 • Tentar manchar a reputação da mulher; fazer críticas mentirosas; expor a vida íntima; distorcer fatos para deixar a mulher em dúvida sobre sua sanidade; rebaixar a mulher por meio de xingamentos; desvalorizar a vítima pelo modo de se vestir.

Mobilização salva CIEP

Moradores enfrentam fogo e tiros para salvar CIEP Presidente Samora Machel

HÉLIO EUCLIDES

Incêndio em favela sempre traz destruição. Esse era o meu maior medo quando vi o CIEP Presidente Samora Machel, na Nova Holanda, em chamas. Quando eu e Elisângela Leite, repórter fotográfica, chegamos, percebemos dezenas de pais tentando apagar o fogo com extintores. Ouvei de um deles: “se a educação daqui não se encontrava tão bem, imagine agora”. Bom, penso que de momentos difíceis sempre há algo que nos fortalece. E fazer parte dos moradores que enfrentaram labaredas para salvar uma escola não teve preço. Os bombeiros, quando chegaram, foram aplaudidos como forma de agradecimento. Os moradores, que podem se considerar heróis, não abandonaram o local, e ainda ajudaram os bombeiros.

O lado mais triste desse episódio foi quando percebi pessoas correndo no pátio, para se abrigar de tiros, vindo de blindados. O mesmo Estado que deveria se empenhar em atender pessoas que pediam socorro, num ato de insensibilidade, envia mais uma vez a repressão. Não existe explicação plausível para os blindados entrarem daquele jeito, num momento tão difícil. Com a ajuda e a garra de todos, o incêndio chegou ao fim. Não tinha muito o que comemorar, apesar de não ter nenhum ferido pelo fogo, tinha uma vítima das balas, uma professora do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Azoilda Trin-



A comunidade mobilizada em salvar a escola. Apesar da operação policial, a união fez a força e apagou o incêndio

tade atingida de raspão.

No meio de funcionários da escola, pais e moradores, **Nilo Albuquerque**, administrador regional da 30ª RA, tentava achar uma solução para o caos daquele momento. “Na manhã do dia do incêndio, eu já tinha visitado a escola, para buscar solucionar a questão dos mosquitos. Quando soube do que ocorria, voltei à escola com o extintor do carro. Conseguimos retirar as crianças e dei orientação às pessoas para evitar vítimas. Comecei a ligar para as autoridades, foi quando chegaram os bombeiros, meu coração acalmou”, disse Nilo.

A calma durou pouco tempo. Como todos que estavam em frente ao CIEP, Nilo não esperava que a situação fosse agravar. “Comecei a escu-

tar uma gritaria, o motivo era uma operação da Polícia Civil, do Core (Coordenadoria de Recursos Especiais). Me senti na obrigação de intervir nesse ato violento. Para piorar, tinha muitas crianças na rua. Então, me posicionei na direção do caveirão, e comecei a explicar a situação. Foi nesse momento que veio o disparo, que pegou no carro, ao meu lado. Comecei a chorar e pedi a Deus que ninguém fosse atingido. Essa ocorrência atrapalhou no controle do fogo, pois os bombeiros ficaram encurralados. O rescaldo foi feito com a ajuda de moradores. Não sou contra incursão policial, mas aquela não foi feita numa hora certa. Não quero ensinar ninguém a trabalhar, mas o que vimos foi pouca preparação. A Maré tem uma fama muito feia lá fora,

precisam saber que somos cidadãos dignos, que pagamos nossos impostos. O que ficou desse episódio foi que os moradores abraçaram a escola”, afirma.

A circunstância foi tão grotesca, que nem **Aline Oliveira**, diretora do CIEP Presidente Samora Machel, escapou de ficar encurralada, e precisou se proteger das balas. “Eu estava vindo de van, que me deixou na porta da escola, no meio dos tiros”, resume. Quando se percebeu a presença de polícias na favela, alguns moradores falaram que podia ser para escoltar os bombeiros. Engano, apesar de ser cotidiano alguns serviços serem escoltados por moradores para entrar nas comunidades. O SAMU, o Serviço de Atendimento Móvel de Ur-

“

O incêndio nos deixou abalados. Tristeza à parte, esse fato nos enriqueceu de alguma maneira. A palavra final é gratidão.”

ALINE OLIVEIRA,
DIRETORA DO CIEP SAMORA MACHEL

gência, por exemplo, sempre entra na Maré na companhia de um morador. Nesse episódio ocorreu o mesmo. “Houve uma preocupação por parte da escola de enviar um professor para acompanhar o caminhão dos bombeiros da Avenida Brasil até dentro da Nova Holanda. Mas não aconteceu, pois além do fogo, todos tiveram de ficar presos nas escolas, para se proteger dos caiveirões. Foi lamentável, muito triste essa ação da polícia”, desabafa **Fernanda Alvarenga**, professora do EDI Pescador Isidoro Duarte - “Doro”. O bombeiro Sílvio Rodrigues de Oliveira inclusive confidenciou à diretora Aline que não foram os bombeiros que pediram o apoio da polícia.

A união faz a força

Naquela tarde de 19 de junho, foram muitos moradores anônimos que não deixaram o fogo se alastrar pelas salas. **Cesar Serralheiro** foi um dos primeiros a chegar no local. “Quando cheguei ainda tinha crianças no prédio, e a primeira coisa que fizemos foi a retirada delas. A fumaça era densa, então os alunos foram levados para o CIEP Elis Regina. Acredito que deveria ter

socorristas nos prédios públicos. Depois do espaço evacuado, abrimos um buraco na sala para facilitar o acesso dos bombeiros; o problema foi a ausência de água nas caixas-abrigos de mangueiras”, reclama. Para Cesar, todos que participaram da ação saíram ganhando. “O que senti na hora, e os outros companheiros também, foi a obrigação de se mobilizar em prol da nossa escola. Isso me emociona”, destaca.

A união veio de todos os lados. A vontade de salvar o colégio era maior que o medo. “Tínhamos extintores, que não foram suficientes, então outras escolas emprestaram. Outro ponto, foi a quantidade de responsáveis que vieram ajudar, mas ficamos preocupadas, já que todos inalavam muita fumaça, lembra **Tatiane Peixoto**, diretora adjunta do CIEP Presidente Samora Machel.

“Realmente foi a comunidade que salvou a escola, pois o tempo de deslocamento foi grande, e sem a população o estrago seria maior”, disse o bombeiro Sílvio à diretora do CIEP. “O incêndio nos deixou abalados. Tristeza à parte, esse fato nos enriqueceu de alguma maneira. A palavra final é gratidão. Com ajuda, todos saíram em segurança. A comunidade não deixou o fogo chegar nas salas da diretoria e secretaria, protegeu os documentos”, informou a diretora Aline.

Profissionais de ensino disseram que a suspeita da causa do incêndio foi um curto-circuito num ar condicionado na sala de informática. Já os bombeiros informaram que as causas serão apuradas pela Polícia Civil. Sobre a falta d’água no sistema de incêndio do colégio, o Corpo de Bombeiros explicou que

a instalação e a manutenção dos equipamentos do sistema preventivo são de responsabilidade do administrador legal da edificação.

Depois do incêndio

Após o trabalho de rescaldo, havia uma escola com salas inundadas, fios em curto, escuridão e um cheiro muito forte de fumaça. Um local impossível para funcionamento. Um plano para que os alunos não ficassem sem aula foi logo organizado, e todos foram recebidos na Escola Municipal Osmar Paiva Camelo. De novo, a solidariedade falou mais alto. “Para a mudança de escola, precisávamos carregar o material, tínhamos apenas dois funcionários disponíveis, mas a população nos ajudou. Dessa forma, em uma semana já estávamos com aulas normais. A Escola Osmar Paiva nos recebeu de braços abertos, com união, dessa forma, o trabalho funciona muito bem”, revela a diretora Aline.

Os pais, hoje, têm o desejo de que as aulas voltem ao local antigo. “Todo dia tem responsável pedindo a volta para o CIEP, estão ansiosos. Entendemos o porquê do desejo de voltar para o CIEP, pois lá é um local de resistência, de momentos difíceis, mas que superamos. O problema que passamos hoje é que o CIEP ficou ocioso, e já sofre com violações. Todos os dias vamos à escola, o que encontramos são cadeados quebrados. Materiais desapareceram e fiação foi furtada, o que pode causar demora no retorno. A obra de reforma está sendo feita, e deverá ser concluída em dois meses”, desabafa a diretora.

Uma boa notícia é que apesar das dificuldades, nenhum profissional pediu transferência da unidade escolar.

Bombeiro preso

Ao final do incêndio, o perigo recomeçou, com um tiro próximo ao CIEP. Na era da internet tudo é registrado no celular, e logo postado. Foi o que fez o subtenente do Corpo de Bombeiros **Sílvio Rodrigues de Oliveira**. Ele filmou o momento em que interrompeu o serviço para se abrigar dos tiros, depois divulgou a gravação. Sílvio foi detido por nove dias no quartel do Méier, por divulgar imagem indevida.

A Associação de Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro (ABMERJ) manifesta desacordo com o ocorrido. “Nós expressamos, na época, nossa opinião que foi de total repúdio à atitude de privar um pai de família, que estava no cumprimento de seu dever, em função de expor as mazelas em que os profissionais de Segurança Pública e a própria população têm sido expostos no dia a dia. A pergunta é: os bandidos que atiraram, algum foi preso? O Comando cometeu uma grande injustiça pelo excesso de rigor da punição”, declara a Associação.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Estado de Defesa Civil e Corpo de Bombeiros alegou que a sanção ao militar foi determinada pelo descumprimento de norma interna da instituição, no que diz respeito à produção e à divulgação de imagens de ocorrências. O vídeo produzido não configuraria material oficial da corporação.

Sobre a segurança dos bombeiros, a assessoria enfatizou que os militares seguem um protocolo interno da corporação; que o objetivo da corporação é garantir que o atendimento seja prestado, sem descuidar do zelo pela integridade física dos bombeiros.

Depressão não é frescura

Como se prevenir da doença que mata por ano 800 mil pessoas de todas as raças, sexos, crenças e classes sociais no mundo

JOÃO KER

ela atingiu 322 milhões de pessoas entre 2005 e 2015, um aumento de 18% ao longo desses 10 anos. É também a maior responsável pela incapacitação profissional em todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). Já foi chamada de Mal do Século e, mesmo entre países mais desenvolvidos e economicamente mais estáveis, cerca de metade dos seus enfermos sequer sabe que está com a doença. São essas as cores que pintam o quadro assustador da depressão em 2017. Mas se esse transtorno tem mostrado uma abrangência tão assustadora nos últimos anos, por que o acesso à informação e ao seu tratamento continuam tão precários em todo o mundo, inclusive no Brasil, País com maior incidência dos casos em toda a América Latina?

“A saúde mental ainda é um dos problemas mais complicados no que se refere à saúde pública no País”, aponta **Sérgio Gomes**, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e Supervisor de Estágio do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E, de fato, são 11,5 milhões de brasileiros que são acometidos por esse distúrbio, o que equivale a quase o dobro da população do Rio de Janeiro. Entretanto, um dos principais impasses no combate à depressão é a própria identificação da doença, uma vez que seus efeitos e motivos

podem ter as mais diferentes origens, pois “cada caso é um caso”. “Tudo vai depender de como a pessoa reage aos seus sintomas. Por definição, a depressão é um distúrbio afetivo que pode acometer qualquer pessoa saudável. Os sintomas mais comuns são a tristeza, o pessimismo, a autoestima diminuída e, não raro, todos esses ao mesmo tempo”, explica Sérgio, ressaltando que o prolongamento dessas manifestações por mais de duas semanas já configura um quadro preocupante.

Claro, há uma grande diferença entre a tristeza “comum”, aquela que aparece ao longo do dia em situações específicas, e a depressão como doença diagnosticada no ser humano. Então, o que faz com que uma pessoa comum e saudável se torne depressiva? “Pode se tratar de variações químicas no cérebro, principalmente no que se refere ao nível de neurotransmissores – ou seja, hormônios do bem-estar, tais como a *serotonina* e a *noradrenalina* e, em menor proporção, a *dopamina*. Todas essas substâncias transmitem impulsos nervosos entre as células e podem se encontrar diminuídas, causando a depressão”, observa Sérgio.

Decepções gerais também podem desencadear uma reação mais intensa do organismo, inclusive serem o passo inicial na diminuição desses hormônios necessários ao cérebro. “A depressão pode

ser causada por algum fator interno que pode ou não ser um reflexo de fatores psicológicos ou sociais. Perda de um parente próximo, final de um relacionamento, perda de um animal de estimação, demissão, reprovação na escola ou em alguma matéria na faculdade, etc. Quando isso acontece, precisamos verificar a idade e a vida cotidiana da pessoa, para identificarmos os fatores causadores da depressão e tentar ajudar na recuperação do que provocou isso”, aponta o psicanalista.

Após identificada a doença, é hora de procurar o tratamento. E, novamente, ele vai depender das particularidades de cada caso, na maioria das vezes combinando um tratamento entre psicólogo e psiquiatra. Mas além do uso de remédios, há algumas outras linhas que podem ser seguidas para combater a depressão, como fototerapia (exposição à luz intensa) e terapia comportamental.

Dentre todas as alternativas possíveis, encontra-se a psicanálise, linha defendida por Sérgio: “a aposta psicanalítica é que tenhamos uma escuta para o sofrimento do sujeito que nos procura e possamos ajudá-lo a compreender os motivos reais que o levaram a desenvolver seus sintomas depressivos. Quanto a isso, temos pontos positivos e negativos. O positivo é que buscamos entender as razões inconscientes que fizeram

ELISÂNGELA LEITE

“Depressão é um distúrbio afetivo que pode acometer qualquer pessoa saudável”

SÉRGIO GOMES, DOUTOR
EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São 11,5 milhões de brasileiros que

com que esse indivíduo desenvolvesse a doença, vamos direto na raiz do problema. Logo, o analista deve ser mais ativo em suas intervenções. O ponto negativo, para alguns, é o fator tempo. Mas eu dirijo disso: nem sempre um tratamento psicanalítico é longo demais. Isso depende do paciente e depende da sensibilidade do analista”, argumenta.

A existência de abordagens mais alternativas também é possível, principalmente quando há a relutância do paciente quanto aos efeitos colaterais dos remédios ou até mesmo a impossibilidade financeira de manter o tratamento da forma apropriada: “não devemos desconsiderar outras opções para a melhora dos sintomas, como uma alimentação saudável, exercícios físicos e um apoio social para a pessoa deprimida, sobretudo quando não se quer fazer uso de medicamentos”, afirma.



ão acometidos por esse distúrbio

COMO SABER SE VOCÊ ESTÁ COM A DEPRESSÃO? VEJA OS SINTOMAS MAIS COMUNS DA DOENÇA:

- Humor depressivo ou irritabilidade, ansiedade e angústia
- Desânimo, cansaço e uma necessidade de maior esforço para fazer as coisas
- Diminuição ou incapacidade de sentir alegria e prazer em atividades anteriormente consideradas agradáveis
- Desinteresse pela vida, falta de motivação pelas atividades diárias e apatia
- Falta de vontade e indecisão em situações que requerem posicionamento forte
- Sentimentos de medo, insegurança, desesperança, desespero, desamparo e vazio
- Pessimismo, ideias frequentes e desproporcionais de culpa, baixa autoestima, sensação de falta de sentido na vida, inutilidade, ruína ou fracasso
- Interpretação distorcida e negativa da realidade: tudo é visto sob a ótica depressiva, um tom “cinzento” para si, os outros e o seu mundo
- Dificuldade de concentração, raciocínio mais lento e esquecimento
- Diminuição do desempenho sexual e da libido
- Perda ou aumento abruptos do apetite e do peso
- Insônia, despertares no meio da noite ou sono muito superficial
- Em níveis mais graves, a pessoa pode desejar morrer, planejar uma forma de morrer ou tentar o suicídio

Suicídio: o ponto final da depressão

No último 20 de julho, a notícia de que Chester Bennington (1976 – 2017), o vocalista da banda Linkin Park, havia cometido suicídio com apenas 41 anos de idade pegou o mundo de surpresa. Dois meses antes, o mesmo tipo de questionamento foi levantado quando Chris Cornell (1964 – 2017), líder dos grupos Soundgarden e Audioslave, suicidou-se em um quarto de hotel. Antes deles, outros ícones como o humorista Robin Williams (1951 – 2014) e Kurt Cobain (1967 – 1994), do Nirvana, também haviam encontrado o mesmo destino.

De acordo com a OMS, 800 mil pessoas se suicidam por ano em todo o mundo. Isso dá no mesmo que uma morte a cada 4 segundos, em que é inegável a ligação da grande maioria com a depressão e seus possíveis desdobramentos. Como forma de combater e mudar essa realidade, a Associação Internacional de Prevenção ao Suicídio criou o “Setembro Amarelo”, campanha mundial de conscientização, cujo objetivo é alertar a população para essa realidade e que funciona no Brasil desde 2014.

Depressão é doença, não é frescura. Não precisa de sexo, raça, credo, origem ou poder aquisitivo específicos para se desenvolver em uma pessoa. “O estigma também não se importa com quem você é. De repente, todas as pessoas que deveriam estar te amando e cuidando de você, te tratam como um nada”, relatou a cantora irlandesa **Sinead O’Connor**, em um vídeo emocionante, no qual desabafa sobre a sua própria experiência pessoal com o distúrbio.

SAIBA ONDE CONSEGUIR TRATAMENTO GRATUITO PARA A DEPRESSÃO OU A PREÇOS POPULARES:

CAPS II CARLOS AUGUSTO DA SILVA (MAGAL)
Avenida Dom Hélder Câmara, 1.390, fundos – Mangueiras
Telefone: 97002-1427

CAPSAD III MIRIAM MAKEBA
Rua João Torquato, 248 – Bonsucesso
Telefone: 3889-8441

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRJ
Avenida Pasteur, 250 – Pavilhão Nilton Campos
Telefones: 3938-5327 e 2295-8113

CRUZ VERMELHA
Praça Cruz Vermelha, 10/12 – 3º andar Centro – RJ
Telefones: 2508 9090 e 2224-1941

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA – ESTÁCIO DE SÁ
Estrada do Galeão, 1.900
Telefone: 2468-1550

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA – PUC
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
Telefones: 3527-1573 e 3527-1574

SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA – UERJ
Rua São Francisco Xavier, 524 – 10º andar – Maracanã
Telefones: 2334-0033 e 2334-0688

Como mencionado por ela, ao discutir a depressão é impossível não tocar no estigma social e no isolamento que seus enfermos sofrem. Não à toa, o tema da última campanha mundial lançada pela OMS foi “**Depressão: Vamos conversar**”. Com a abertura de um canal para o diálogo, o órgão pretende não apenas disseminar os possíveis tratamentos e curas para o transtorno, mas também fazer com que a discussão não tenha o atual tom de “tabu”. Mais ainda: a assistência psicológica que um amigo ou um parente podem dar ao depressivo é fundamental e inestimável para que ele consiga sair do buraco.

Em tempos nos quais a forma como nos relacionamos uns com os outros tem mudado na velocidade da luz graças à internet, amigos e familiares

de adolescentes precisam ter um olhar mais apurado e atento para conseguirem abrir um canal de diálogo com esses jovens. *Smartphones*, redes sociais e a constante exposição a estilos de vida e padrões inatingíveis e superficiais de felicidade também funcionam como um golpe diário na autoestima, que naturalmente já passa por um estado frágil nessa faixa etária. Por isso, é importante lembrar que a luta de um depressivo para vencer a doença é semelhante a de um dependente químico: um esforço diário, que requer perseverança e foco constantes para não cair de volta na mesma armadilha. A depressão é como uma nuvem cinza pairando no céu que, para quem já a sentiu, está pronta para chover a qualquer momento.



A Baía de Guanabara em debate na Maré

Fórum Itinerante é realizado no Centro de Artes

HÉLIO EUCLIDES

“Quem seria capaz de descrever as belezas que apresenta a Baía do Rio de Janeiro, esse porto que, na opinião de um dos nossos almirantes mais instruídos, poderia conter todos os navios da Europa?” Há 164 anos, o pensador francês Saint-Hillaire fez esse relato a respeito da Baía de Guanabara. Um dos símbolos mais importantes da nossa cidade, desde a chegada dos portugueses, já foi descrito por muitos famosos e anônimos, desde escrivães das frotas e viajantes, até cronistas, poetas e estudiosos. Mas mesmo com tamanha importância histórica e ambiental, a Baía de hoje não tem nada a ver com aquela que os europeus avistaram. Toneladas de lixo foram despejadas, junto com bilhões de reais em projetos de “despoluição” que nunca foram concluídos. O ex-morador da Maré, **Edson Diniz**, lembra que a região era formada por oito ilhas: Cabra, Catalão, Baiacu, Fundão, Pontal do França, Bom Jesus, Sapucaia e Pinheiro. “O aterro da Avenida

“

O Fórum da Maré foi um dos mais ricos em debate. Isso comprova o histórico de mobilização social da favela.”

SÉRGIO RICARDO,
AMBIENTALISTA

Brasil para a construção de habitações prejudicou o Canal do Cunha. Recordo, com carinho, da infância, quando ia tomar vacina no Centro Municipal de Saúde Américo Veloso, e depois frequentava a Praia de Ramos. Hoje esse lazer é impossível, a Baía virou um banheiro, com esgoto lançado *in natura*”, destaca.

Fórum Baía Viva

Dado o estado periclitante que está a Baía de Guanabara, estudiosos, representantes da sociedade civil e moradores resolveram criar um Fórum Itinerante, para mobilizar a população e também o Governo. Na Maré, no dia 27 de julho, aconteceu o 5º Fórum Itinerante, que teve como tema “Saneamento Ambiental do Complexo de Favelas da Maré e dos Rios do Canal do Cunha e Políticas para a Pesca Artesanal”, de dez que já foram realizados, na área da bacia hidrográfica da Baía de Guanabara. Ao todo, os dez encontros reuniram cerca de 500 pessoas e 100 instituições para a elaboração de uma carta-programa, para a saúde ambiental das Baías de Guanabara e Sepetiba. “Essa carta será encaminhada aos órgãos públicos, e vamos batalhar para virar políticas públicas setoriais. O objetivo é obter o reconhecimento dos povos que vivem das baías, cerca de dez milhões de pessoas”, detalha **Sérgio Ricardo**, ambientalista.

“O Fórum da Maré foi um dos mais ricos em debate. Isso comprova o histórico de mobi-



O Fórum itinerante reuniu representantes da sociedade civil, moradores e a Cedae

lização social da favela. Todos ficaram impressionados com o documentário “Pescadores da Maré”, que mostra um grupo de trabalhadores que busca seu sustento, e no final acaba reprimido pela Marinha. Enquanto os órgãos ambientais e a própria Marinha fazem “vista grossa” para as diversas formas de poluição da Baía, como o fundeio das embarcações (ato de ancorar), que não tem licença do IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e nem do INEA (Instituto Estadual do Ambiente)”, expõe o ambientalista.

Ronaldo Lúcio de Souza Teixeira, da Diretoria de Serviços Norte da Comlurb, disse que só da Maré são recolhidas 150 toneladas de lixo por dia. “A coleta é feita na porta e por meio dos “laranjões”. O lixo da cidade é 40% passível de reciclagem, mas por falta de investimento só 5% são realizados”, declarou. Os participantes no evento avaliaram que a cidade necessita de uma gestão do lixo urbano, educação ambiental e a coleta seletiva nas favelas.

Já **Carlos Braz**, da Diretoria de Engenharia da Cedae,

relatou que houve investimento em estações de tratamento, mas faltou verbas para realizar as ligações até elas. “É preciso concluir a segunda fase, de construir as redes coletoras e extinguir algumas elevatórias. Para o tronco coletor da Zona Norte é necessário o valor de 35 milhões de reais. A novidade será um encontro que a Cedae terá com o Ministério das Cidades. Estamos preparando uma carta-consulta, para entregar ao Governo federal, com a possibilidade de financiamento de uma obra para a Maré”, revelou.

REFLEXÕES DO FÓRUM DA MARÉ

1. “Na Maré, a briga é para a construção do tronco coletor, para que o esgoto domiciliar seja tratado na Estação de Alegria, construído na época do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG)”.

2. “Tanto na Maré, quanto em Manguinhos, há necessidade da implantação da coleta seletiva”.

3. “A educação ambiental é fundamental para esclarecer às pessoas para que não joguem lixo nos rios e canais, o que polui a Baía, prejudica a pesca e provoca novas inundações”.

4. “Há necessidade da criação de política que incentive a pesca artesanal, para que o pescador tenha a sua dignidade resgatada, e volte a relevância econômica do final dos anos 1970, quando o Rio de Janeiro era o segundo maior produtor de pescado do País”.

Uma Onda de Artes com Maré Potente

EDUARDO ALVES

EDUARDO ALVES É ECONOMISTA E SOCIÓLOGO. NASCEU NA PERIFERIA CARIOCA E HOJE FAZ PARTE DA DIREÇÃO DO OBSERVATÓRIO DE FAVELAS.

A favela da Maré, assim como o amplo, diverso e múltiplo território das periferias, é um impactante ambiente de criação, invenção e superação das condições de vida impostas pelo poder dominante. Nesse grande mar, destacam-se as intervenções artísticas com beleza e com falas que apresentam as potências existentes. A arte chega na Maré como uma onda, que faz o mar de pessoas se movimentar para ampliar a vida em todos os seus aspectos.

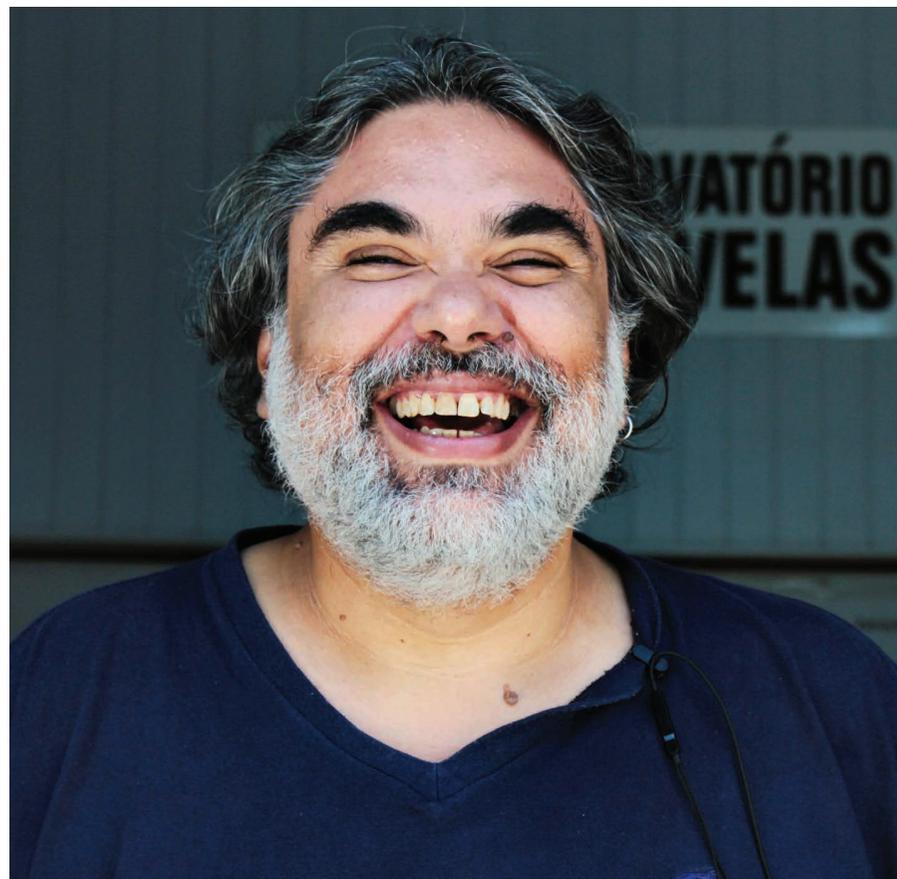
São comunicações públicas, com profunda humanização em todos os aspectos, impregnadas de amor e empatia, que circulam nas ruas ou pulsam nas telas dos computadores de mão (celulares) ou nos computadores de mesa. Amplia-se, assim, a aproximação de todos os corpos existentes, por meio de uma ação coletiva, que faz registrar na cidade uma significativa e atual pedagogia de potência da periferia por direitos, para garantir a vida com dignidade.

São artistas produzindo o espelho e o que queremos da vida nas várias favelas desse grande e apaixonante complexo. Música, dança, artes cênicas, artes visuais das mais variadas, saraus, teatro seguem aproximando todos os corpos existentes em um reconhecimento de sujeitos das grandes mudanças que precisamos construir no novo século.

No rastro desta perspectiva, artistas das periferias ocupam a centralidade na cidade. Isso ocorre em toda a Maré, seja no Bela Maré, no Centro de Artes, na Praça do Parque União, na Lona da Maré, na Rua Principal,

na Teixeira Ribeiro, nos campos de futebol, nas diversas rodas de encontros e manifestações criativas nos vários locais desse grande complexo com mais de 140 mil habitantes. Pigmenta, em todas as ruas, além de Nova Holanda e Parque Maré - centralidades que abrigam as sedes da Redes da Maré e do Observatório de Favelas -, uma criatividade intensa, que tem a marca, a identidade e os objetivos das pessoas que fazem o território das periferias ganhar seu significado de potência. A arte circula e penetra na vida todo o tempo na comunidade. Há a arte que produz críticas sobre a realidade existente na Maré e na cidade, e alternativas para ações por mais direitos e vida digna, como ocorre com o Travessias ou com as entusiasmantes peças da Cia Marginal (companhia de teatro). Há a arte que explode na criação de culturas, com estéticas, atitudes, sinais comuns, formas de vestir, danças, sons próprios e comportamentos de várias artes que transbordam no *funk*, no *rock*, no samba e na música nordestina.

Há ainda a arte que brota daquilo que está guardado mais internamente, manifesto em expressões absolutamente livres e espontâneas, em cartazes nas ruas, escritos e desenhos diversos em telas populares. Seja como for, a produção artística que percorre toda a extensão da Maré torna-se um convite para os olhos brilharem em identificação de uma cor, um desenho, um som, que chamam a atenção de muitos. A arte ocupa papel e dimensão contundentes na vida de cada uma das pessoas. Mas,



“

A arte chega na Maré como uma onda, que faz o mar de pessoas se movimentar para ampliar a vida em todos os seus aspectos.”

muitas vezes, passa despercebida, sem sacudir cada corpo para sua grande importância.

Esse papo sobre arte, por meio das letras, tem o grande objetivo de convidar cada pessoa para uma ação de conquistas por mais direitos na Maré. Conquistar o direito à vida, acabando com a onda de violência letal. Conquistar a dignidade na vida, com mais direitos ao transporte, à educação, a tratamentos das várias doenças e para a manutenção da saúde. Unificar essa grande multidão das favelas, parte desse imenso grupo da periferia, para conquistar uma cidade de direitos e ser reconhecido por todos e todas, na cidade, como potência -

e não carência, como predomina na ideologia dominante.

A onda de artes existente na Maré, por si, já mostraria a centralidade do território e superaria os discursos de que há bandidos, coitados e carentes. Aquilo que aparece como carência para os vários olhares paralisados é produto das desigualdades existentes que colocam o lucro e os interesses privados acima da vida. Justamente o contrário do que é produzido com as artes na Maré, pois trata-se de uma grande explosão de vida, pungente, para a superação das situações atuais e para a criação de uma nova realidade, com direitos, nas favelas e em toda a cidade.

As Produções Marginalizadas

ANA PAULA LISBOA

As manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização damos o nome de cultura. Portanto, fazem parte da cultura de um povo as ações e manifestações ligadas às expressões artísticas: teatro, música, dança, religião, gírias, pichações nos muros, comidas, bebidas, a melhor forma de se construir uma casa, o melhor dia para se fazer uma festa, mitos, mesmo quando essa definição é, muitas vezes, confundida com “ser uma melhor educação, desenvolvimento, bons costumes, etiqueta à mesa ou elitização”. Talvez a “confusão” aconteça porque ainda hoje muitas produções culturais produzidas nas favelas e periferias, e inevitavelmente por pessoas pretas, não sejam reconhecidas ou legitimadas como cultura ou como produção cultural.

A capoeira, o samba, o rap e o funk são grandes exemplos de produções culturais vindas das periferias e que, em algum momento, foram proibidas, seja socialmente ou legalmente, de

serem produzidas, ouvidas, dançadas, cantadas, vividas, em determinados momentos do País. Nesse momento, não há um ritmo que seja tão favelado, tão criminalizado como o funk. Não só no Rio de Janeiro, favelas de São Paulo e de Minas Gerais passam pelas mesmas questões de proibições pela polícia.

É proibido proibir

Atualmente, tramita no Senado Federal um Projeto de Lei enviado por Marcelo Alonso, *web designer* de 47 anos, morador da zona norte de São Paulo, área da cidade que concentra vários “fluxos”, como são chamados os bailes que acontecem na rua, normalmente feitos com as equipes de som acopladas aos carros. A proposta, além de proibir, criminaliza o ritmo como crime de saúde pública (sem mencionar como seria feito, quem seria criminalizado, quem fiscalizaria). É bem possível que as 21.985 pessoas que assinaram apoiando o Projeto sejam boa parte daquelas que não conseguem dormir nas

noites de sexta e sábado, por conta do som alto e da falta de organização desses eventos. O texto do Projeto de Lei afirma que “é fato e de conhecimento dos brasileiros, difundido inclusive por diversos veículos de comunicação de mídia e internet com conteúdo podre (sic) alertando a população o poder público do crime contra a criança, o menor adolescente e a família”. Crime de saúde pública desta ‘falsa cultura’ denominada funk” só tem mesmo a intenção de declarar que não gosta do ritmo e que não quer ele na porta da sua casa. Sem observar os milhares de empregos e renda gerados, sem considerar que é tarefa da Secretaria de Cultura, e não da Secretaria de Segurança, talvez em parceria, essa organização.

Em 2009, a ALERJ aprovou a lei que transformou o funk em patrimônio cultural do Rio, mas nem por isso ele se tornou mais aceito. O projeto das UPPs, que tentou trazer mais segurança para a cidade, elegeu o ritmo como vilão. E mesmo com dois editais da Secretaria Estadual de Cultura premiando criações artísticas diretamente ligadas ao funk, ele ainda é tratado como caso de polícia. Projetos que ganharam os ditos editais, mesmo premiados pelo Estado, precisaram negociar com a polícia para acontecer em territórios populares. Não é o caso da Maré, mas ainda assim eventos que não têm o ritmo como foco são vistos, aparentemente, como mais culturais e até mais aceitos.

Cultura e Entretenimento

Isso também pode acontecer devido à mistura de definições do que seria cultura e o que seria entretenimento. Dá-se aquela con-

fusão de que cultura seria algo maior, que te coloca para pensar, que te faz refletir sobre um determinado tema, que incomoda. Enquanto o entretenimento te aliena, só te diverte, te relaxa, usado como manobra para tirar os seus pensamentos e foco para o que realmente deveria importar. E não existe nada mais político que estar na rua e é assim que se realiza a maioria dos eventos nas favelas. Outro bom exemplo são as rodas culturais, que podem ser, sim, um entretenimento da juventude, mas também fazem pensar nas questões sociais.

Existe também a diferenciação da cultura como um fazer quase altruísta, algo feito por amor e que não precisa de dinheiro, enquanto o entretenimento é capitalista e explorador. Mas é fácil pensar assim, quando todas as contas do produtor e dos artistas estão pagas. E como seria difícil na favela se produzir sem o apoio dos comerciantes e, consequentemente, dos consumidores! Um trabalhador que realiza suas funções de segunda a sexta, e aos sábados decide gastar o seu dinheiro em um evento dentro da favela, é alguém que acredita naquele território.

Evento Cultural

A ocupação da rua é algo realmente encantador no Complexo da Maré. São festas de aniversário na rua, cultos na rua, feiras livres, e lembrando da definição inicial, tudo isso é cultura. Mesmo nos bares fechados, a rua é ocupada e a maioria dos estabelecimentos trabalha com artistas do próprio território da Maré. **Na página ao lado, segue uma listinha do que se pode encontrar de “cultura” na Maré.**



Roda de Samba “Mulheres ao Vento” em apresentação no Centro de Artes da Maré

CONJUNTO ESPERANÇA

Bar do Grande

Desde roda de samba, pagode “retrô”, banda ao vivo com todos os ritmos e intervalo com DJs da casa.

Quando – todos os dias.

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU

Dogueria Resenha

Há menos de um ano aberto como um Food Truck carioca, especializado em hot dog artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.

Quando – sextas, sábados e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA

Baile Funk da NH

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Quadra do G.R.E.S Gato de Bonsucesso

Fora as atividades carnavalescas, a quadra da Escola de Samba do Gato de Bonsucesso realiza toda semana a roda de samba do Tapa na Peteca.

Quando – domingos

Horário – a partir das 18h

Localização – Rua São Jorge

Pagofunk da BT

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome a festa.

Quando – quintas

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Bitencourt Sampaio

CAM: Centro de Artes da Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-7265

facebook.com/centrodeartesdaclare

01/09 (sexta-feira)

I Encontro Livre de Bicicleta Encontro de Amadores e Ciclistas

Horário – 15h às 18h

Este evento acontece na Praça Nova Holanda

02/09 (sábado)

I Encontro Livre de Bicicleta Encontro de Amadores e Ciclistas

Horário – 10h às 14h

05/09 (terça-feira)

Palestra-aula sobre livro “Morte e Vida Severina” de João Cabral, com o escritor

Henrique Rodrigues

Horário – 18h30 às 21h40

11 a 16/09 (segunda a sexta-feira)

Centro de Artes da Maré de Portas Abertas!

(aulas de danças, performance, exposição, bazar, gastronomia e música)

29 e 30/09 (sexta-feira e sábado)

A Mostra exibirá 3 filmes convidados (Ser Trans, Reflexos do Feminino e Cine Sexualidade), após a exibição haverá debate com os realizadores Atrações artísticas: performances, drag queens, Dj e Festa SHOCK.

Horário – 18h

30/09 (sábado)

Exposição Conceição Evaristo

Horário – 16h

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

NOVA MARÉ

Lona Cultural Municipal Herbert Vianna

RUA IVANILDO ALVES, S/N, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

facebook.com/lonaculturaldamare

01/09, 15/09, 22/09 e 29/09 (sextas-feiras)

Oficina Livre de Teatro com Grupo Atiro

Horário – 15h às 18h

08/09 (sexta-feira)

Favela Rock Show

3 SHOWS + DJ e Projeções

Horário – 21h

14/09, 21/09, e 28/09 (quintas-feiras)

Cine Clube Rabiola (LONA)

Horário – 17h

22/09 (sexta-feira)

Lona Música Livre

2 Shows + DJ e Projeções

Horário – 21h

Toda semana de segunda a sexta

Projeto Nenhum a Menos

1ª turma: das 15h às 16h30

2ª turma: das 16h30 às 18h

Para crianças de 6 a 12 anos

Todas as sextas-feiras, das 15h às 18h

Laboratório Vivo Muda Maré

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PARQUE MARÉ

Baile Charme da Teixeira

Quando – domingos

Horário – a partir das 20h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro

563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO

Baile Funk do PU

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

Quando – sextas

Horário – 18h

Localização – Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile funk da antiga e charme.

Regado a muito passinho.

Quando – domingo

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça já um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno. Segundo os produtores, esse é o segundo evento, depois da Feira de São Cristóvão, mais frequentado pelos nordestinos que vivem no Rio de Janeiro.

Quando – domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Larga

PRAIA DE RAMOS

Pagode do Litrão

Pagofunk sempre com uma atração do funk e do pagode.

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Piscinão de Ramos – Passarela 13

SALSA E MERENGUE

Pagode da C11

Um dos eventos mais tradicionais de funk e pagode da Maré.

Quando – sextas e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Via C11

VILA DO JOÃO

Baile da VJ

Quando – sábados

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

VILA DOS PINHEIROS

Tabacaria Dread Locks

Shows de bandas do cenário alternativo do rock, reggae, rap e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa playlist colaborativa.

Quando – sextas e sábados

Horário – a partir das 20h

Localização – Via B9 - em frente ao bloco 1

MARÉ NO CENTRO DO RIO

Os fotógrafos AF Rodrigues, Elisângela Leite, Fabio Caffé, Luiz Baltar e Monara Barreto, do coletivo Folia de Imagens – oriundo da Escola de Fotógrafos Populares/Imagens do Povo do Observatório de Favelas da Maré fazem parte da exposição “Festa Brasileira: Fantasia Feita à Mão”, em cartaz no Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro – Praça Tiradentes, 69 - Rio de Janeiro

Visitação pública: de 21 de junho a 28 de outubro de 2017

Entrada gratuita

Escolas unidas pela Paz

Mais de mil escolas no Rio realizaram atos contra a violência em diferentes regiões da cidade no último dia 17 de agosto. Os encontros descentralizados fazem parte da mobilização da comunidade escolar pela Campanha “Aqui é um lugar de Paz”, que vem sendo desenvolvida desde maio nas escolas, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação. Espaços importantes da cidade, como o Museu de Arte do Rio (MAR), Engenhão, Parque Olímpico, Lona Cultural João Bosco (Vista Alegre), Arena Carioca Jovelina Pérola Negra (Pavuna), a Cidade das Crianças (Santa Cruz) e a Vila Olímpica da Maré se transformaram em territórios de paz para brincadeiras e jogos da garotada. A Campanha não tem data para acabar. A violência no Rio já provocou o fechamento de 381 escolas

desde o início do ano, deixando 131.783 alunos sem aulas e expõe centenas de vidas ao risco de morte diariamente. “As escolas vão aos jornais na condição de vítimas da violência, isso é verdade, mas não é toda a verdade. As escolas são polo de resistência de civilização contra a barbárie, desenvolvendo um trabalho cotidiano para disseminar uma cultura de paz”, disse o Secretário Municipal de Educação, **César Benjamin**, que esteve na Vila Olímpica da Maré, participando das atividades da Campanha. **Rebeca Neves**, de 13 anos, aluna da Rede pública municipal da Maré, espera que a realidade triste que vive esteja próxima do fim: “é triste não conseguir estudar por causa dos tiros. Eu gostaria muito de poder aprender e evoluir, mas a cidade está muito violenta.”



Secretário Municipal de Educação, César Benjamin, acompanhou as atividades do CIEP Elis Regina

Fique ligado!

Dia 25 de outubro o sinal analógico das TVs do Rio será desligado

Famílias inscritas em programas sociais do governo têm acesso ao *Kit* digital de graça



No dia 25 de outubro de 2017, o sinal analógico de televisão será desligado na cidade do Rio de Janeiro e em mais 18 municípios do entorno. A programação dos canais abertos

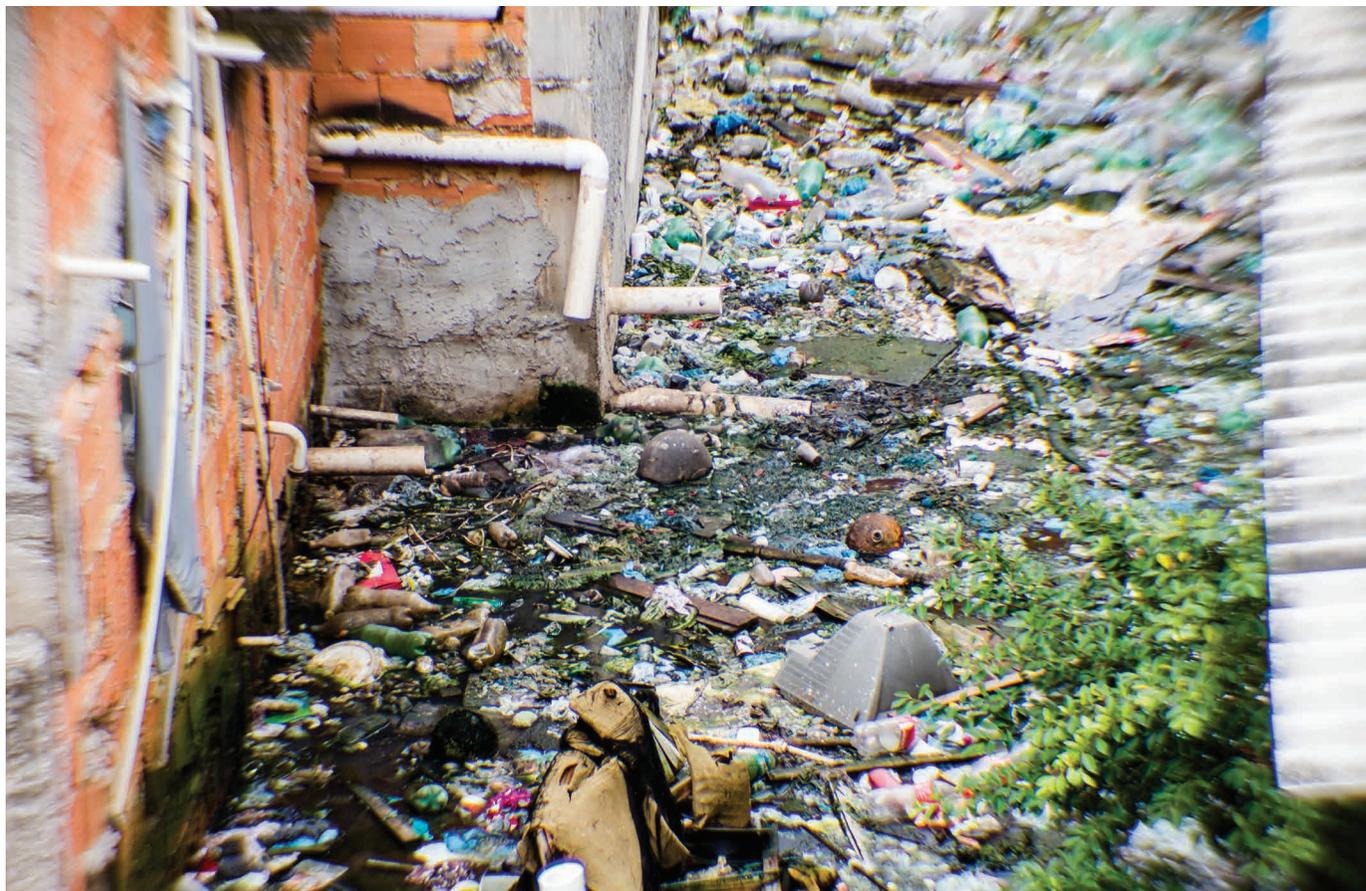
de televisão será transmitida apenas pelo sinal digital. Para continuar assistindo aos programas, todas as residências precisam ter uma antena digital e um aparelho de televisão preparado para receber o sinal. Famílias inscritas em programas sociais do Governo Federal têm direito a receber os *kits* gratuitos com antena digital, conversor e controle remoto. É só acessar o site sejadigital.com.br/kit

ou ligar gratuitamente para o número **147**, com o NIS [Número de Identificação Social] em mãos e fazer o agendamento. “Os *kits* são entregues no local, dia e horário que as famílias escolhem quando fazem o agendamento pelo site ou pelo telefone”, afirma **Vivian Bilhim**, gerente regional da Seja Digital no Rio de Janeiro. “Já estamos trabalhando para que a informação sobre o desligamento do sinal

analógico de TV chegue a toda população e todos possam se preparar com antecedência, pois o sinal digital já está disponível”, afirmou Vivian.



ELISÂNGELA LEITE



Lixo acumulado no valão que foi aterrado em Marcílio Dias. Moradores não conseguem ajuda das autoridades para solucionar o grave problema

Um quintal de esgoto

Moradores de Marcílio Dias sofrem com entupimento crônico

HÉLIO EUCLIDES

Um “mar de esgoto” no quintal, essa é a triste situação em que se encontram os moradores de Marcílio Dias. A visão da água suja parada, com bastante lixo, é assustadora, e deixa a impressão de que não tem solução. O grande receio é que esse esgoto esteja minando por baixo das edificações - o que pode trazer risco de desabamento. Moradores antigos contam que, antes, existia um valão, que foi aterrado e ficou sem saída, sem escoamento. “É precária a situação, uma mistura de esgoto e lixo. Sem falar no grande número de ratos. Os que podem fazer algo pela gente, será que eles têm filhos? Espero que alguém olhe por nós”, desabafa **Samanta Gracie**,

moradora de Marcílio Dias, que está grávida.

Marcílio Dias foi formada na antiga Praia das Moreninhas, entre os terrenos da Casa do Marinheiro e da Fábrica Kelson; seu processo de ocupação começou em 1948, com algumas famílias de pescadores que ergueram palafitas. De lá para cá, a favela cresceu, a praia sumiu, teve aterramento, e os espaços foram ocupados cada vez mais por habitações. Os canais, conhecidos como valões, foram espremidos e alguns desapareceram. A situação ainda é pior quando chove, o “mar de esgoto” já atinge as ruas próximas. “Está muito ruim, sem condição de moradia. Quando chove, enche; já ficamos oito dias alagados. No

passado, a vala era aberta, mas o povo trouxe as manilhas e o esgoto foi canalizado. Não sei o que aconteceu, virou um valão, e para piorar os moradores jogam lixo”, reclama **Lourdes da Silva**, moradora da Rua Marcílio Dias, local que precisa urgentemente de uma nova tubulação de esgoto.

A Associação de Moradores já foi à Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente (SECONSERMA) e também à Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE): “tanto a Prefeitura quanto o Estado, não mostram uma solução, apesar de saberem de tudo o que acontece. A CEDAE Maré fez o estudo e encaminhou para instância maior, ago-

“
Todos os órgãos competentes estão informados, mas não há solução. Se pelo menos fizessem algo paliativo, para diminuir o sufoco, já era alguma coisa.”

LUCIANO ARAGÃO,

VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE MARCÍLIO DIAS

ra aguardamos respostas”, relata **Jupira dos Santos**, presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias. **Luciano Aragão**, vice-presidente, está inconformado com a situação. “Todos os órgãos competentes estão informados, mas não há solução. Se pelo menos fizessem algo paliativo, para diminuir o sufoco, já era alguma coisa. O pior é que não fazem nada, e o povo fica no meio do cocô”, conclui.

A CEDAE informou que estuda a elaboração de um projeto para alterar o traçado da rede de esgoto, danificada pelas construções irregulares num trecho de 220 metros de extensão sobre o coletor - o que impossibilita sua manutenção. E não deu prazo para resolver a questão.

TEMOS DIREITOS!

SOMOS DA MARÉ.

PERGUNTA

“Estamos vendo pela televisão e nas ruas que o Exército voltou a ocupar as ruas do Rio de Janeiro. Gostaria de saber se existe a possibilidade de, novamente, o Exército voltar a ocupar a Maré, como já aconteceu.”

RESPOSTA

Em 28 de julho de 2017, teve início o Decreto de Garantia da Lei e da Ordem para o Estado do Rio de Janeiro. Neste Decreto presidencial, foi determinado o uso das Forças Armadas para uma série de ações integradas de segurança e combate ao crime organizado em todo o Estado do Rio de Janeiro. Este Decreto foi instituído a partir de uma demanda do governador Luiz Fernando Pezão e determina que as Forças Armadas atuem no Rio de Janeiro até o final de 2018.

A princípio, não há nenhuma determinação para ocupação de favelas, conforme o Decreto de 2014, que resultou na Ocupação das Forças Armadas na Maré por 15 meses. Desta maneira, no novo Decreto não há nenhuma determinação de ocupação da Maré, ou outra favela carioca, neste período. Porém, não é impossível que haja algum redirecionamento ou outro Decreto que autorize esta ocupação em favelas até o final de 2018.

PARA REFLETIR

Como bem sabemos, não é função das Forças Armadas atuar como forças policiais, sobretudo nas cidades. Nossa experiência na Maré já demonstrou que o uso das Forças Armadas como força policial é custoso e não promove mudança significativa na sensação de segurança dos moradores da Maré. Para maiores informações, a Redes da Maré lançou o livro “Ocupação da Maré pelo Exército Brasileiro: percepção dos moradores sobre a ocupação das forças armadas na Maré”. O livro está disponível no site da Redes da Maré (www.redesdamare.org.br).

ENVIE SUA PERGUNTA PARA:
comunicacao@redesdamare.org.br

Sudoku

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais, nem nos quadrados menores (3x3).

© Revistas COQUETEL

www.coquetel.com.br

		4		6				
	3			5	4		6	
2						7		
				6			9	7
	5		3	1		4		
7	6		2					
		8						3
	4		6	3			7	
			9			8		

Solução

9	1	8	2	4	6	5	7	3
5	7	6	8	3	9	2	4	1
3	2	4	7	1	5	8	6	9
1	8	5	9	4	2	3	6	7
4	2	9	7	1	3	6	5	8
7	9	3	6	5	8	1	4	2
2	8	6	1	9	3	7	5	4
8	9	7	2	5	4	1	6	3
5	1	4	7	8	6	2	3	9

MARÉ DE Direitos



ATENDIMENTO SOCIOJURÍDICO GRATUITO COM PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL E DO DIREITO.

QUARTA-FEIRA | 15H ÀS 18H
SEXTA-FEIRA | 9H ÀS 13H

REDES DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda (ao lado da Praça da Nova Holanda)

WHATSAPP:
99924-6462

O WHATSAPP RECEBE FOTOS, VÍDEO E TIRA DÚVIDAS. AS INFORMAÇÕES QUE CHEGAM NO WHATSAPP SÃO MANTIDAS EM SIGILO.

Sudoku O MELHOR DO BRASIL



www.coquetel.com.br

	1		5		2		3	
5								9
			9		3			
9	3					6		4
6	7					1		8
			3		1			
8								7
	5		4		8		1	